

Novas perspectivas de gênero
no século XXI



Editor responsável
Felix Dane

Coordenação Editorial
Reinaldo J. Themoteo

Conselho editorial
Antônio Octávio Cintra
Fernando Limongi
Fernando Luiz Abrucio
José Mário Brasiliense Carneiro
Lúcia Avelar
Marcus André Melo
Maria Clara Lucchetti Bingemer
Maria Tereza Aina Sadek
Patrícia Luiza Kegel
Paulo Gilberto F. Vizentini
Ricardo Manuel dos Santos Henriques
Roberto Fendt Jr.
Rubens Figueiredo

Revisão
Reinaldo J. Themoteo
Aline Bruno Soares

Tradução
Margaret Cohen (páginas 31-50)

Capa, projeto gráfico e diagramação
Cacau Mendes

Impressão
J. Sholna

ISSN 1519-0951

Cadernos Adenauer XIV (2013), nº 3
Novas perspectivas de gênero no século XXI
Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, outubro 2013.
ISBN 978-85-7504-179-6

Todos os direitos desta edição reservados à

FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER
Representação no Brasil: Rua Guilhermina Guinle, 163 · Botafogo
Rio de Janeiro · RJ · 22270-060
Tel.: 0055-21-2220-5441 · Telefax: 0055-21-2220-5448
adenauer-brasil@kas.de · www.kas.de/brasil
Impresso no Brasil



Apresentação	7
Cotas femininas e financiamento de campanha	II
CLARA ARAÚJO	
Quais são as contribuições das presidentas à participação política das mulheres? Os casos de Laura Chinchilla e Michelle Bachelet	3I
GRACIELA INCER BRENES	
O desenvolvimento social e o empoderamento econômico das mulheres no Brasil: uma análise a partir de índices sintéticos	5I
CRISTIANE SOARES	
Movimentos, redes, feminismo de Estado: a representação extraparlamentar das mulheres brasileiras	7I
LÚCIA AVELAR	
O conceito de Trabalho Decente da OIT e a percepção das mulheres brasileiras.	89
MARIANA GIORGION	
Violência contra a Mulher: consequências socioeconômicas	II5
JACQUELINE PITANGUY	

- Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas 125
MYRIAM MORAES LINS DE BARROS
- Mulheres e Vida Militar. 145
SUZELEY KALIL MATHIAS
MARIA CECÍLIA OLIVEIRA ADÃO
- Atuação das mulheres no Poder Legislativo Federal e Estadual e no Brasil: ainda muito distante da paridade de gênero. 167
DENISE PAIVA
ANA LÚCIA HENRIQUE
GABRIELA PEIXOTO VIEIRA SILVA
- A mulher nos espaços de poder político 183
SÍLVIA RITA SOUZA

Asociedade tem passado por grandes transformações nas últimas décadas. As mulheres foram promovidas a chefes da família, mas ainda carregam muitas vezes sozinhas as responsabilidades de organização do ambiente doméstico e de criação dos filhos. Cada vez mais mulheres entram no mercado de trabalho e competem por seu espaço, embora às vezes ainda com reconhecimento profissional e salarial inferior aos dos colegas do sexo masculino. Nas universidades brasileiras há hoje mais mulheres do que homens matriculados em seus cursos, inclusive naqueles que tradicionalmente oferecem mais status, como medicina.

Atualmente a ‘rainha do lar’ abre mão de sua majestade por mais democracia. As mulheres querem que os homens participem e dividam as responsabilidades domésticas, assim como lutem por suas causas e pela inclusão delas na vida pública. Elas também querem gestar e parir com dignidade, criar e educar os filhos com todo o apoio da sociedade, e garantir conforto para aqueles que já doaram tantas décadas de trabalho para a comunidade.

No âmbito profissional, as mulheres estão buscando qualificação para competir em igualdade de condições com os homens e garantir sua independência financeira e satisfação profissional. E não só! Votar é importante, mas na vida pública elas também ambicionam ser votadas. Desejam exercer o direito de participar do processo de tomada de decisões e determinar os rumos da própria vida, de sua comunidade e do país.

A diferença de gênero ainda é marcada pelo forte preconceito, ensinado na mais tenra idade, de que meninas devem ser pudicas e frágeis, enquanto os

meninos precisam estar sempre preparados para conquistar, sejam mulheres, dinheiro, espaço, território ou poder. É preciso reconhecer que há uma mudança cultural em curso, lenta mas gradual. Algumas mulheres já não aceitam sofrer violência doméstica, física, psicológica, verbal, moral e sexual caladas, como fizeram muitas das gerações anteriores. E denunciam, cada vez mais alto!

Tudo indica que estes sentimentos de empoderamento e autoestima estão aumentando com a chegada das novas gerações de meninas e mulheres. E é por isso que a Fundação Konrad Adenauer tem grande satisfação em publicar um livro sobre as mulheres do século XXI. O objetivo desta obra é abranger vários aspectos da vida feminina, suas conquistas e dificuldades, seus desafios e oportunidades.

O primeiro artigo, de autoria de Clara Araújo, apresenta a relação direta entre as eleições de mulheres, o sistema de cotas eleitorais e o financiamento de campanha. Em sua análise, ela demonstra que parte da ineficácia do sistema de cotas eleitorais está relacionada com a dificuldade das mulheres em conseguirem financiamento de campanha, tornando o dinheiro um fator chave para o sucesso eleitoral.

Em seguida, Graciela Incer Brenes nos proporciona, em uma perspectiva comparada de gênero, uma análise da atuação das presidentes do Chile, Michelle Bachelet, e de Laura Chinchilla, da Costa Rica. A autora demonstra que o governo chileno, desde a campanha eleitoral, se comprometeu em atender as demandas do movimento feminista e promover políticas de gênero. Na medida em que dependeram da atuação do poder Executivo, as reivindicações foram atendidas pela presidente Michelle Bachelet. No caso da Costa Rica, embora também tenha se comprometido a incluir as políticas de gênero nas decisões da mais alta instância de poder, Chinchilla não cumpriu as demandas e as expectativas de seus eleitores seguem frustradas neste aspecto.

Cristiane Soares apresenta uma importante abordagem sobre os vários Índices de desenvolvimento ligados a gênero. Ela compara os processos e mostra as diferentes perspectivas de cada um deles.

No texto de Lúcia Avelar, a capacidade de articulação das mulheres através de movimentos sociais demonstra que elas conseguem, devido a esta atuação, pressionar os mecanismos formais de poder e ter boa parte de suas reivindicações atendidas.

Sobre o mercado de trabalho no Brasil, Mariana Giorgion trata do conceito de Trabalho Decente desenvolvido pela OIT. O artigo mostra que as mulheres brasileiras ainda recebem salários mais baixos que os homens, mesmo

quando possuem o mesmo nível de escolaridade e realizam a mesma função. As mulheres negras são as mais excluídas, pois estão majoritariamente vinculadas a trabalhos informais, que não lhes asseguram as mínimas garantias, estabilidade econômica, proteção social e suporte legal. Além da dupla jornada de trabalho e violência doméstica, as trabalhadoras brasileiras são submetidas a situações de assédio moral e sexual no ambiente de trabalho, o que acarreta disfunções psíquicas e físicas em suas vidas.

Jacqueline Pitanguy apresenta justamente os custos socioeconômicos da violência contra as mulheres. Seu artigo menciona não apenas o absurdo da violência psicológica, física, sexual e moral, mas enfatiza também as consequências econômicas deste processo.

No capítulo de Myriam Moraes Lins de Barros, sobre experiências femininas em transmissão de valores familiares e os conflitos intergeracionais, as mulheres das classes médias, ao longo de três gerações, conseguiram modificar a dinâmica familiar. Elas quebraram alguns paradigmas, embora tenham se mantido como referência principal dos filhos enquanto mãe.

Para tratar de mulheres e vida militar, Suzeley Kalil Mathias e Maria Cecília Oliveira Adão destacam que a abertura das Forças Armadas para a entrada feminina ocorreu de dentro para fora, como estratégia para melhorar a percepção que a população tem sobre as instituições militares, e não como pressão das mulheres por maior participação. As autoras alertam que ainda hoje as mulheres não conquistaram os principais cargos de liderança militares, embora isso tenha sido uma pressão da ONU há várias décadas.

Denise Paiva, Ana Lúcia Henrique e Gabriela Peixoto Vieira Silva apresentam um panorama sobre a atuação feminina nos poderes legislativos estadual e federal do Brasil. Iniciam com uma análise sobre as pesquisas acadêmicas voltadas para esta temática e, em seguida, abordam o processo histórico de entrada das mulheres na política, tanto daquelas que apenas participaram da campanha eleitoral quanto das que foram de fato eleitas. Além disso, as autoras investigam porque as candidaturas femininas aumentaram sem, contudo, aumentar o número de eleitas. Afinal, desde 1997 existe a previsão de cotas partidárias para mulheres e não há um preconceito significativo contra as mulheres nas enquetes com eleitores.

O último artigo do livro, de Sílvia Rita Souza, aprofundou o debate sobre as candidaturas femininas no Brasil. Para entendermos o déficit de participação feminino nas estruturas de poder, é importante analisarmos as fases deste processo: recrutamento de candidatas, capacitação das mulheres para a prática política e a campanha eleitoral. Estes três momentos apresentam caracterís-



ticas determinantes que tradicionalmente excluem as mulheres do jogo pelo poder.

O trajeto será longo até que consigamos vislumbrar igualdade de condições entre homens e mulheres, seja no âmbito doméstico ou na arena pública. Contudo, as mulheres estão se organizando. E provavelmente seguem por um caminho irreversível, que lhes dará cada vez mais chances de se prepararem e apresentarem soluções.

Esta publicação não tem a pretensão de proporcionar todas as saídas para os problemas, mas sim oferecer ferramentas. Desejamos que as mulheres consigam receber equidade de tratamento, respeito por suas escolhas, e confiança em suas decisões. E dedicamos esta publicação também aos homens, para que participem do debate e colaborem ativamente na mudança. Tenham uma ótima leitura!

ALINE BRUNO SOARES

*Coordenadora de Projetos da
Fundação Konrad Adenauer no Brasil*